SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov
regência

Abril 14, 15 e 16
Les Arts Florissants
William Christie, regência

Abril 27, 28 e 29
Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov, regência

Maio 6, 11 e 12
Boston Symphony Chamber Players

Junho 2, 3 e 4
Dezsö Ranki, piano

Junho 29 e 30 – Julho 1
Orquestra Sinfônica de Montreal
Charles Dutoit, regência

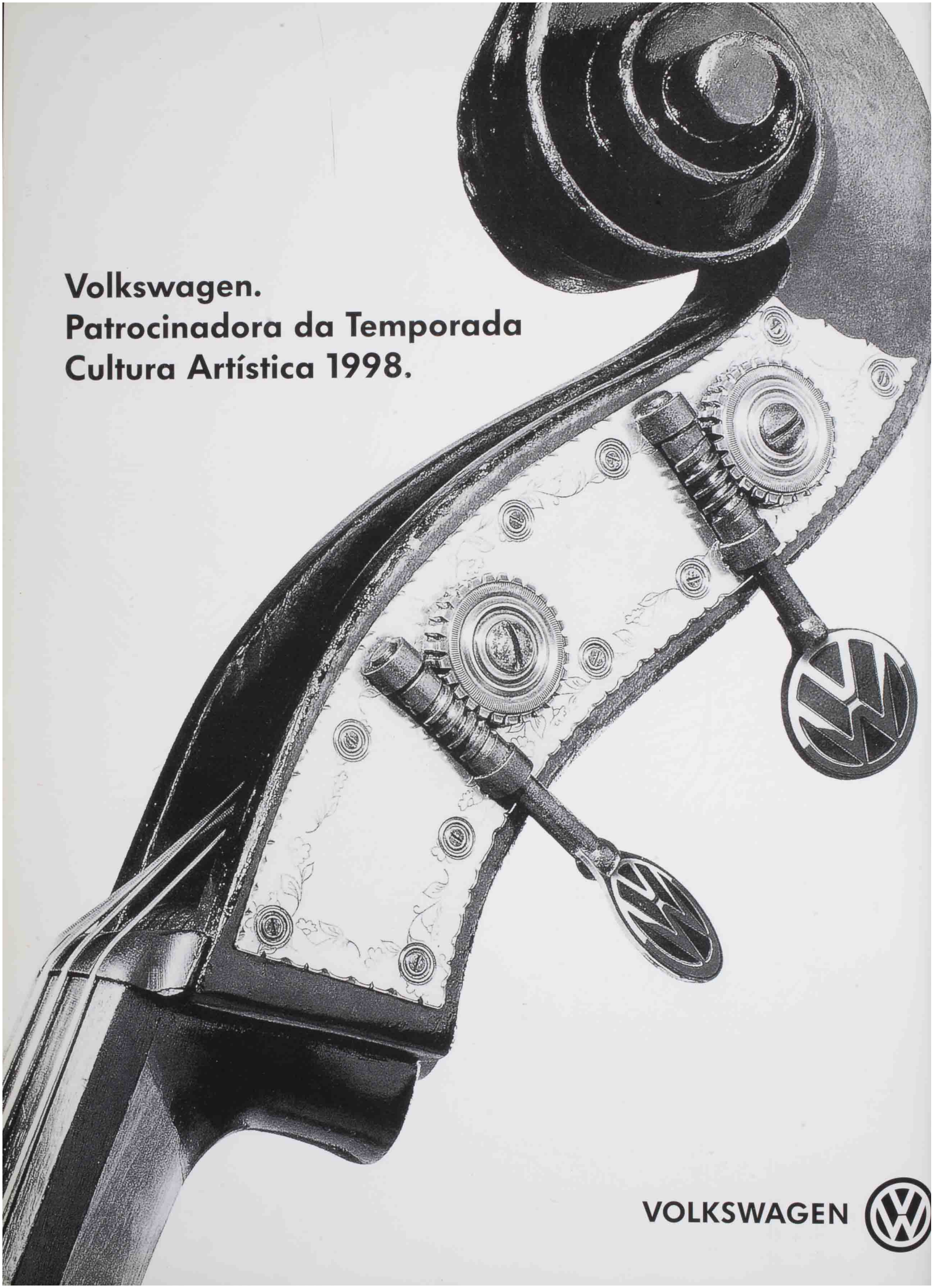
Agosto 24, 25 e 26
Quarteto de Tóquio
e Barry Douglas, piano

Setembro 14, 15 e 16
The Philharmonia Orchestra
John Eliot Gardiner, regência
Lynne Dawson, soprano

Setembro 24, 25 e 28
The Academy of Ancient Music
Christopher Hogwood, regência
Nancy Argenta, soprano

Novembro 3, 4 e 5
Orquestra da Toscana
Umberto Benedetti Michelangeli, regência
Gianluca Cascioli, piano

Novembro 24, 25 e 26
Orquestra Nacional da Espanha
Rafael Frühbeck de Burgos, regência
Pepe Romero, violão


Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 1998.
VOLKSWAGEN

Temporada 98

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

apresenta

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo

Yuri Temirkanov

Diretor Musical e
Regente Titular

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

promoção

ELDORADO FM 92.9

patrocínio

BankBoston

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

VOLKSWAGEN

Votorantim

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo

Há muito tempo que a crítica internacional aponta a Filarmônica de São Petersburgo como a melhor orquestra da Rússia. Ao longo de seus mais de cem anos de vida, a hoje Orquestra Filarmônica de São Petersburgo mudou duas vezes de nome, mas a excelência de sua arte e a sua enorme importância na história da música russa vêm permanecendo intocadas por mais de um século. As origens da Orquestra remontam ao ano de 1882, quando se criou, por ordem do tzar, o Conjunto Orquestral da Capela Real da Corte de São Petersburgo. Com a Revolução de Outubro de 1917, esse Conjunto Orquestral foi ampliado e transformado na Orquestra Filarmônica Estatal de Leningrado, denominação que conservou até 1991, quando recebeu o nome de Orquestra Filarmônica de São Petersburgo.

Entre 1917 e 1921, o hoje lendário Sergei Kussevitzky – maestro que viria a transformar-se em uma das influências mais importantes para a formação dos grandes regentes russos – respondeu pela Direção Musical da Orquestra, dando início ao que se tornaria uma tradição: o encontro do conjunto com os maiores nomes da música russa. Ao longo dos anos, compositores como Glazunov, Rachmaninoff, Shostakovich, Prokofiev e Katchaturian mantiveram estreitos vínculos de colaboração com a Filarmônica de São Petersburgo. Por meio desses vínculos, a Orquestra esteve à frente das estréias de diversas obras que passaram a integrar o repertório mundial da música sinfônica e de concerto.

O ano de 1938 representou para a então Filarmônica de Leningrado o início de uma nova época áurea. Em 1938, o grande Yevgeny Mravinsky assumiria o posto de Diretor Artístico e Regente Titular

do conjunto, posição que manteve até a sua morte, em 1988. Para suceder Mravinsky à frente da Orquestra foi escolhido o Maestro Yuri Temirkanov. Assistido por Mariss Jansons, que desde 1986 é o Segundo Regente da Orquestra, Yuri Temirkanov tem levado a música da Filarmônica de São Petersburgo às melhores salas de concerto e aos mais prestigiosos festivais de música do mundo. O público e a crítica especializada de cidades como Munique, Estocolmo, Oslo, Zurique, Salzburgo, Viena, Edimburgo, Birmingham, Madri, Los Angeles, Cleveland, Filadélfia, Pittsburgh e Nova Iorque têm celebrado a Filarmônica de São Petersburgo e Yuri Temirkanov como os protagonistas de um dos mais felizes encontros artísticos do mundo da música.

No pódio da Filarmônica, sediada há diversos anos na célebre Sala Philharmonia de São Petersburgo, já estiveram alguns dos maiores nomes da regência do século XX: Knappertsbusch, Walter, Busch, Weingartner, Kleiber, Klemperer, Scherchen, Ansermet, Talich, Monteux, Arvid Jansons, Sanderling (que entre 1941 e 1960 ocupou o posto de Segundo Regente da Orquestra), Mitropoulos, Krauss, Rodzinski, Stokowski, Munch, e também os compositores Kodály e Britten. A galeria de solistas que já colaboraram com a Orquestra mostra, por sua vez, a nata dos músicos russos, dentre os quais David Oistrakh, Emil Gilels, Sviatoslav Richter, Mstislav Rostropovich e Leonid Koogan.

O prestígio internacional cada vez maior da Filarmônica de São Petersburgo tem levado a Orquestra a realizar inúmeras gravações, registradas sobretudo para o *RCA Red Seal*, com o qual a Orquestra mantém hoje contrato de exclusividade.

Yuri Temirkanov

A crítica internacional tem sido unânime ao celebrar Yuri Temirkanov como um dos grandes regentes da segunda metade do século XX: "Ele é um músico fascinante, e com sua própria orquestra um homem completamente transfigurado. Temirkanov e sua orquestra extraem o máximo dos momentos dramáticos e tocam com paixão inflamada e força avassaladora"; "Espetacularmente absorvente..."; "ele é um regente com idéias e personalidade singulares, que anima a narrativa sonora com amplidão de gestos, e é magnífico no programa poético e na recriação musical"; "brilhante na captação de climas...".

Nascido em 1938, na cidade de Nalchik, no Cáucaso, ainda garoto encontrou no violino a sua primeira paixão musical. Depois de estudar esse instrumento em sua cidade natal, foi aluno da Escola para Crianças Talentosas do Conservatório de Leningrado, obtendo ali o seu passaporte para ingressar no tradicional e prestigiadíssimo Conservatório de Leningrado, onde se formou violinista, em 1962. Três anos depois, colaria grau como Regente e começaria a trabalhar na Ópera de Leningrado.

Ao conquistar o Primeiro Prêmio da edição de 1968 do Concurso Nacional de Regentes da União Soviética, certame que trinta anos antes revelara ao mundo maestros como Mravinsky, Gauk e Rachlin, Yuri Temirkanov abriu o seu caminho para ocupar o pódio de todas as grandes orquestras de seu país, e pouco depois tornava-se Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Leningrado, posto que ocupou de 1969 a 1977. Nesse período, dinamizou e aprimorou a Orquestra e juntos realizaram históricas turnês

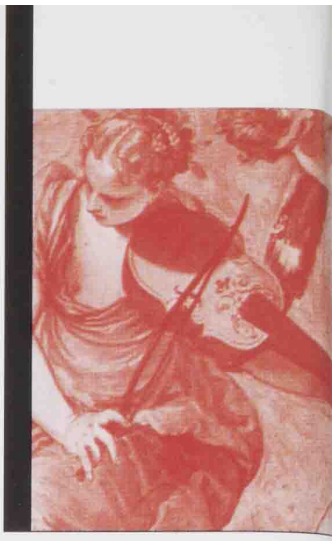
internacionais, que os levaram aos Estados Unidos, à Alemanha, à França, à Itália, à Suécia, ao Japão e a vários outros países. Em 1977, deixaria a Sinfônica de Leningrado para ocupar a posição de Diretor Artístico e Regente Principal da Ópera do Teatro Kirov de Leningrado.

Em abril de 1988, Yuri Temirkanov sucederia ao grande Yevgeny Mravinsky, um dos mitos da regência deste século, como Diretor Musical da Orquestra Filarmônica de Leningrado, hoje denominada Orquestra Filarmônica de São Petersburgo. Em 1990, levaria a Orquestra à sua primeira turnê norte-americana, depois de dez anos de ausência do conjunto nos Estados Unidos, e em dezembro desse mesmo ano estaria à frente das comemorações dos 150 anos do nascimento de Tchaikovsky, em Concerto de Gala da Filarmônica, com a participação de Itzhak Perlman, Yo-Yo Ma e Jessye Norman, evento televisionado para o mundo todo e editado em vídeo e *videodisc*.

A excelência suprema e o imenso carisma do Maestro Temirkanov têm sido apreciados não apenas na Rússia, à frente de sua Orquestra, mas também em diversos países da Europa e nos Estados Unidos. Na Inglaterra, sua carreira é das mais brilhantes: regeu as melhores orquestras inglesas; foi Principal Regente Convidado da *Royal Philharmonic Orchestra*, de 1981 a 1992, quando passou a ocupar o posto de Regente Principal do conjunto; dirigiu a Orquestra Sinfônica da *BBC* em turnês à Itália e à então União Soviética, na primeira visita, em doze anos, de uma orquestra londrina àquela república; e, no verão de 1987, esteve à frente da temporada da Ópera do Teatro Kirov no *Covent Garden* de Londres, onde o Maestro e a Companhia apresentaram *Boris Godunov*, *Eugene Onegin* e *A Dama de Espadas*.

Como Regente Convidado, Yuri Temirkanov tem colaborado com as principais orquestras da Europa, dentre as quais se destacam as Filarmônicas de Berlim e de Viena, a Orquestra Estadual de Dresden, a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, a Orquestra de Paris e a Orquestra Filarmônica de Dresden, da qual é Principal Regente Convidado desde 1994. Nos Estados Unidos, Temirkanov tem-se apresentado regularmente, como Convidado, à frente da Sinfônica de Boston, da Orquestra da Filadélfia e das Filarmônicas de Los Angeles e de Nova Iorque.

Desde 1988 o Maestro Yuri Temirkanov é contratado exclusivo da *BMG/RCA Red Seal*, para o qual vem gravando as principais obras orquestrais do repertório russo.



Serguei Guirchenko

violino

Natural de Leningrado, atual São Petersburgo, e filho de uma família de músicos, Sergei Guirchenko estudou com Bereznikova, na Escola Secundária de Música do Conservatório de Leningrado, completou sua formação no Conservatório de Moscou, onde trabalhou com o lendário David Fiodorovich Oistrakh, e realizou seus estudos de pós-graduação sob a orientação de Tzyganov.

Solista de carreira consagrada internacionalmente, Guirchenko já tocou sob a regência de maestros como Yevgeny Svetlanov, Yuri Temirkanov, Alexander Lazarev, Yuri Simonov, Gennadi Rojdestvenski, Vladimir Ashkenazy, Mark Ermler e Seiji Ozawa, dentre outros.

Presença constante nos Festivais Internacionais de Música de Edimburgo, Schelzwig-Holstein, Boston e Atenas, nos quais tem se apresentado regularmente como Artista Convidado, Sergei Guirchenko desenvolve também intensas atividades como camerista, condição em que já colaborou, inclusive, com Sviatoslav Richter.

Artista Honorário da Federação Russa, Guirchenko assumiu o posto de *spalla* da Orquestra Sinfônica do Teatro Bolshoi de Moscou em 1978, desde 1986 leciona no Conservatório de Moscou e é freqüentemente convidado para reger *master classes* em algumas das mais prestigiosas instituições musicais do mundo. A discografia do violinista inclui diversos álbuns, registrados para os selos *Melodyia*, *Erato* e *Pavana*.

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov, Diretor Musical e Regente Titular

Primeiros Violinos
Serguei Guirchenko, *spalla*
Lev Klytchkov
Alexsandre Zolotareov
Serguei Teterine
Valentin Loukine
Natalia Sokolova
Alexandre Rikhter
Vadim Selitski
Grigori Sedoukh
Olga Rybaltchenko
Vladimir Gouentzelt
Natalia Kononova
Tatiana Makarova
Lla Melik-Mouradian
Dmitry Petrov
Konstantin Rassokhine

Segundos Violinos
Mikhail Estrine
principal
Arkadi Naiman
Boris Kouznetsov
Arkadi Malein
Lioudmila Odintsova
Janna Proskourova
Grigori Lutski
Valentin Borissov
Anatoli Babitski
Vladimir Temirkanov
Nikolai Tkatchenko
Tatiana Chmeleva
Nikolai Dygodiouk
Tamara Tomskala
Olga Kotliarevskala
Iouri Uchtchapovski

Violas
Aandrei Dogadine
principal
Iouri Dmitriev
Artour Kossinov
Iouri Anikeev
Alexei Lioudevig
Vladimir Ivanov
Vissarion Soloviev
Grigori Meerovitch
Alexandre Chelkovnikov
Elena Panfilova
Alexei Bogorad
Dmitri Kossolapov
Roman Ivanov

Violoncelos
Anatoli Nikitine
principal
Valeri Naidenov
Serguei Tcherniadifa
Aleicei Vassiliev
Vassili Popov
Iossif Levinzon
Anatoli Zadkov
Iaroslav Tcherenkov
Dmitri Eremine
Kir Ll Timofeev

Contrabaixos
Guerman Loukianine
principal
Alexsandre Chilo
Rostislav Iakovlev
Oleg Kirillov
Nikolai Tchaoussov
Alexei Ivanov
Alexei Tchoubathckine
Nikola Syrai

Flautas
Marina Vorojtsova
principal
Olga Viland
Fadik Suleimanov
Oleg Mikhailovsk

Oboés
Khaniafi Tchinakaev
principal
Serguei Lysenko
Alexandre Arkhangelski
Rouslan Khokholkov
Ilia Iline

Clarinetes
Andrei Kazakov
principal
Valentin Karlov
Mikhail Kouniavski
Igor Guerassimov
Vladislav Verkovitch

Fagotes
Oleg Talypine
principal
Serguei Bajenov
Serguei Chvedov
Alexei Silioutine

Trompas
Andrei Gloukhov
principal
Stanislav Tses
Igor Karzov
Iouri Akimkine
Anatoli Moussarov
Pavel Gloukhov

Trompetes
Igor Charapov
principal
Mikhail Romanov
Leonid Korkine
Alexei Beliaev

Trombones e Tubas
Maxim Ignatiev
principal
Dmitri Zorkine
Vitali Gorlitski
Dmitri Antoniouk
Valentine Galouzine

Percussão
Anatoli Ivanov
timpanista principal
Valeri Znamenski
Konstantine Soloviev
Rouben Ramazian
Alexandre Mikilailov

Harpas
Anna Makarova
Andres Izmailov

Piano
Serguei Ourivaev

Administração
Serguei Tcherniadiev
Diretor de Orquestra
Alexandre Novikov
Técnico de Palco
Leonid Voronov
Arquivista

Programas

Série Branca

27 de abril, segunda-feira, 21h

Nikolai Rimski-Korsakov (1844 - 1908)

A Grande Páscoa Russa – Abertura, opus 36

Igor Stravinsky (1882 - 1971)

Le Baiser de la Fée – Divertimento

Sinfonia

Danças Suíças

Scherzo

Pas-de-Deux

intervalo

Jan Sibelius (1865 - 1957)

Sinfonia nº 2, em Ré maior, opus 43

Allegretto

Tempo Andante ma rubato

Vivacissimo

Finale

Série Azul

28 de abril, terça-feira, 21h

Sergei Prokofiev (1891 - 1953)

Sinfonia nº 1, em Ré maior, opus 25, "Clássica"

Allegro

Larghetto

Gavotte

Finale

Sergei Prokofiev

Concerto para Violino e Orquestra nº 2, em Sol menor, opus 63

Sergei Guirchenko, violino

Allegro moderato

Andante assai

Allegro ben marcato

intervalo

Dmitri Shostakovich (1906 - 1975)

Sinfonia nº 10, em Mi menor, opus 93

Moderato

Allegro

Allegretto

Andante - Allegro

Série Verde

29 de abril, quarta-feira, 21h

Alexander Borodin (1833 - 1887)

Danças Polovitsianas, de O Príncipe Igor

Dança dos Jovens

Dança dos Homens

Dança Coletiva

Dança dos Rapazes

Dança Final

Nikolai Rimsky-Korsakov (1844 - 1908)

O Galo de Ouro – Suíte Orquestral

Introdução e Sono do Tzar Dodon

O Tzar Dodon no Campo de Batalha

A Dança da Rainha Shemakha – A Dança de Dodon

Cortejo Nupcial – Morte do Tzar Dodon – Finale

intervalo

Piotr Ilich Tchaikovsky (1840 - 1893)

Sinfonia nº 4, em Fá menor, opus 36

Andante sostenuto – Moderato con anima

Andantino in modo canzona

Scherzo (Pizzicato ostinato) – Allegro

Allegro con fuoco

Próximas Atrações

Boston Symphony Chamber Players

6 de maio, quarta-feira

Copland: Duo para Flauta e Piano

Mozart: Quinteto em Mi bemol para Piano e Sopros

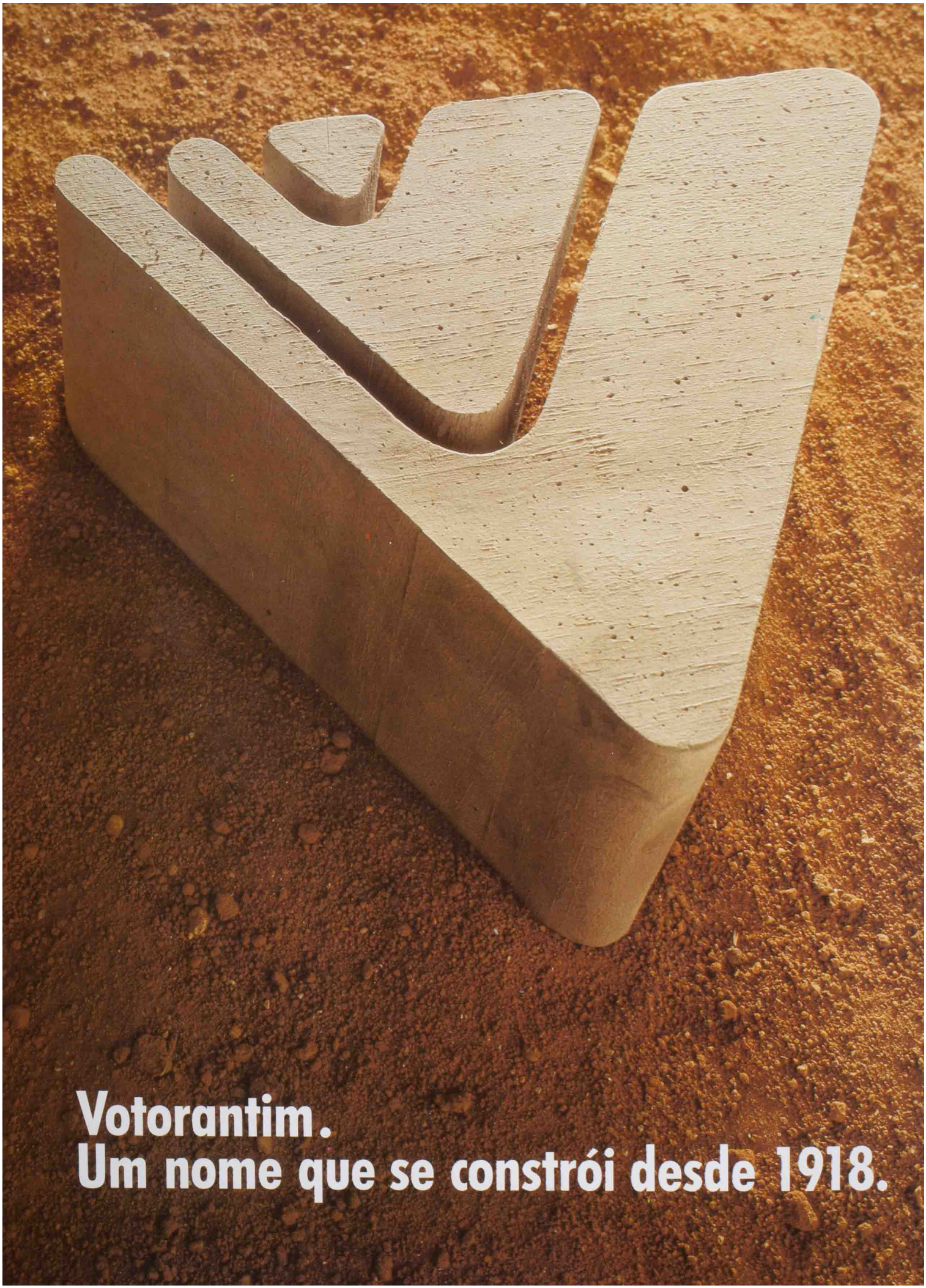
Beethoven: Septeto em Mi bemol para Cordas e Sopros

11 e 12 de maio, segunda e terça-feira

Copland: Duo para Flauta e Piano

Britten: Quarteto Fantasia para Oboé e Cordas

Schubert: Octeto em Fá para Cordas e Sopros


Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.

Nikolai Rimski-Korsakov (1844 - 1908)

A Grande Páscoa Russa, Abertura opus 36

Rimski-Korsakov foi um dos membros mais proeminentes do Grupo dos Cinco, agrupação de compositores russos criada por Mili Balakirev. Administrador ativo e animador musical entusiasmado, tornou-se compositor de óperas - quinze, ao todo - e de numerosa música orquestral. Apaixonado pela música folclórica de seu país, conseguiu transpô-la com felicidade para as suas coloridas peças orquestrais. Aliás, ele continua sendo considerado um dos maiores orquestradores de toda a História da Música Ocidental.

A abertura de concerto A Grande Páscoa Russa, de 1888, desenvolve vários temas religiosos retirados das cerimônias de comemoração dessa data pela Igreja Ortodoxa Russa. Assim, a peça vai da evocação do Santo Sepulcro e da profecia da Ressurreição de Cristo à alegria final, algo selvagem, do povo entusiasmado com a Boa Nova.

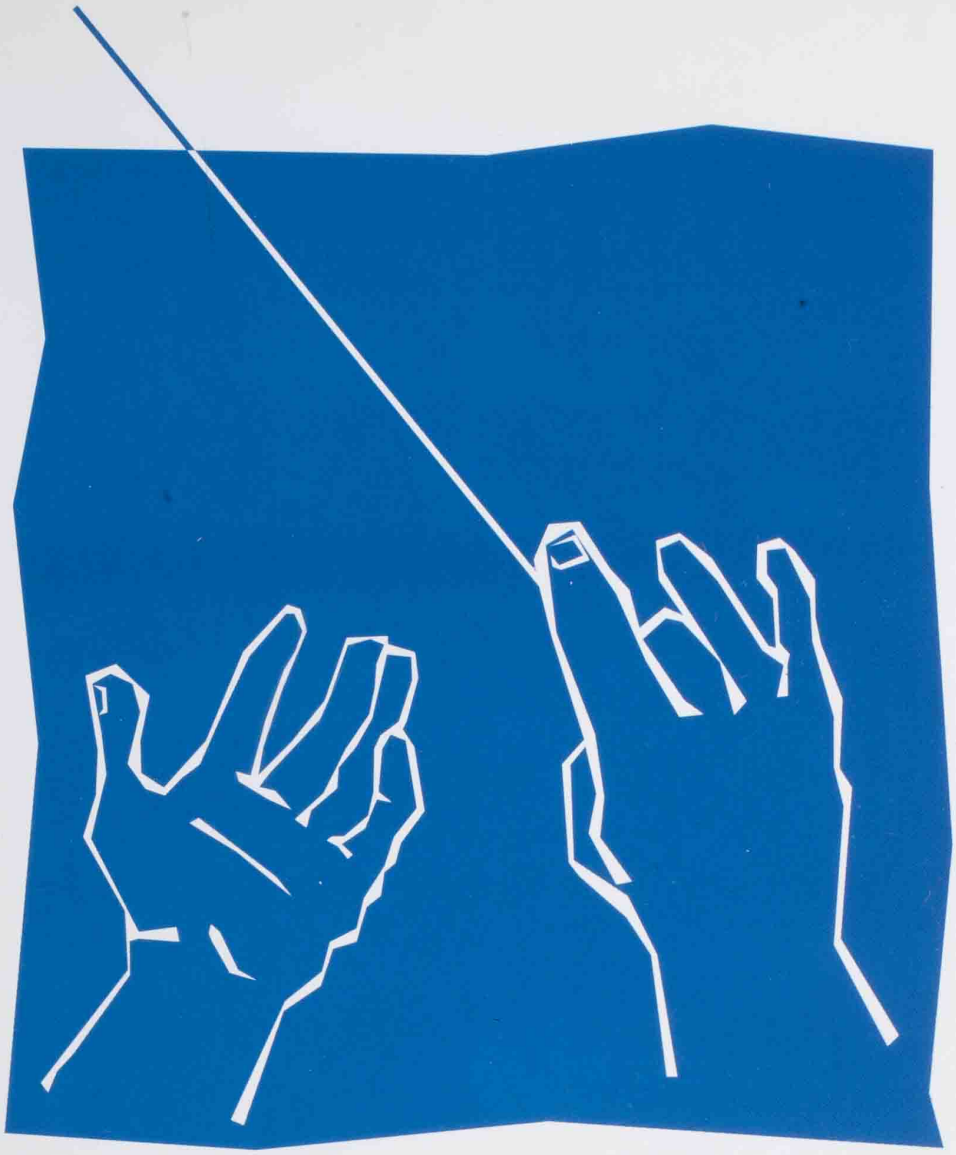
Igor Stravinsky (1882 - 1971)

Le Baiser de la Fée - Divertimento

Considerado um dos mais importantes artistas de nosso século, Stravinsky escandalizou Paris, em 1913, quando sua obra A Sagração da Primavera foi estreada pelos *Ballets Russes de Diaghilev*. "Selvagem", "caótica", "futurista" e "antimusical" foram algumas das expressões que a crítica da época encontrou para etiquetar essa partitura que, mesmo hoje, conserva o seu teor revolucionário. Anos depois, durante a década de 1920, o compositor passaria por uma reviravolta estilística. Cultivou, então, a estética neoclássica, voltando-se para a reciclagem de elementos retirados de vários momentos da História da Música. Por causa disso, não foram poucos aqueles que o chamaram de "passadista", "retrógrado" e "acadêmico".

O Beijo da Fada, que o compositor definiu como "um balé alegórico em quatro cenas, inspirado pela Musa de Tchaikovsky", data de 1928 e pertence a essa nova "maneira" do autor. Partindo de um conto de Andersen - o da Fada que escolhe um ser humano para si, seqüestrando-o pri-

TBWA



BankBoston. Arte em grandes negócios.

BankBoston

Informações: 0800-55-1784

www.bankboston.com.br

meiro da mãe e, depois, da noiva –, Stravinsky elaborou uma obra singular. A maioria da música que aí se ouve provém de peças para piano e de canções escritas por Tchaikovsky, compositor que ele admirava enormemente. E mais: Stravinsky estabelecia um paralelo entre o conto de Andersen e o terrível destino do músico homenageado, o de ter sido escolhido pelas Musas, levando uma existência infeliz e compondo música de rara beleza.

Em 1934, Stravinsky retirou uma suíte de concerto do balé, intitulando-a "Divertimento". Aí tem-se uma compassada e melancólica "Sinfonia" que, paulatinamente, ganha animação. Seguem-se as rústicas "Danças Suíças", marcadamente rítmicas, e o *Scherzo*, de tom feérico e algo misterioso. A suíte é encerrada pelo *Pas de Deux* que contém um nostálgico *Adagio*, uma *Variação* mais desenvolta e uma *Coda*, que a encerra com uma boa dose de agitação coreográfica.

Jan Sibelius (1865 - 1957)

Sinfonia nº 2, em Ré maior, opus 43

Nascido na nórdica Finlândia, Sibelius tornou-se o mais célebre compositor de seu país, sobretudo graças a partituras inspiradas por paisagens, personagens e lendas da terra natal. Entre elas destacam-se: *En Saga* (1892), *O Cisne de Tuonela* (1896) e *Finlândia* (1899). Também deixou sete importantes sinfonias, antes de se retirar definitivamente da cena musical, no início da década de 1930.

A Segunda Sinfonia, estreada em 1902, é até hoje a mais conhecida do ciclo sinfônico do autor. Para o público finlandês da época, ela soou como a expressão musical das aspirações nacionalistas então reinantes e, igualmente, como um cântico de guerra contra a opressão russa. Seus quatro movimentos, inspirados pelo modelo clássico-romântico do gênero, revelam a presença de uma personalidade criadora original, principalmente no que se refere ao tratamento temático inovador e às inusitadas combinações instrumentais. O movimento inicial, um *Allegretto* em Ré maior, explora a reticente técnica da "ampliação temática" através de uma forma-sonata. A seção seguinte, um *Tempo Andante ma rubato*, em Ré menor, é de atmosfera predominantemente sombria. O *Vivacissimo* que se segue, em Si bemol maior, tem o caráter de um movimento perpétuo, explorando os registros extremos da orquestra. Ele se encadeia diretamente ao *Finale*, na tonalidade e no arcabouço formal do primeiro movimento (Ré maior, forma-sonata). Jogando com a surpreendente profusão de temas – quatro motivos principais e vários outros agregados a eles –, Sibelius encaminha o discurso para o tom de júbilo e triunfo.

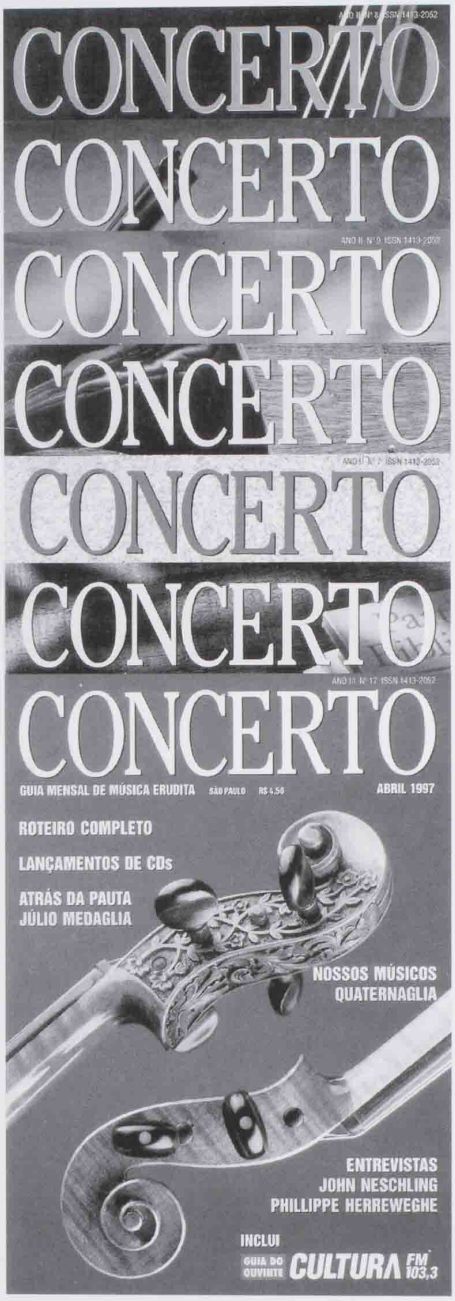
Sergei Prokofiev (1891 - 1953)

Sinfonia nº 1, em Ré maior, opus 25 – "Clássica"

Artista extraordinariamente ousado na juventude – passada na atmosfera liberal de São Petersburgo, na Rússia, durante os primeiros anos deste século –, Prokofiev viu-se na contingência de simplificar e tornar mais clássica a sua linguagem, a partir do instante em que se fixou definitivamente na então União Soviética da década de 1930. Salvou-o do academicismo, que norteava a maioria de seus colegas que se dobravam aos ditames da política oficial comunista, o seu enorme talento, a sua inesgotável invenção.

A primeira de suas sete sinfonias é particularmente surpreendente. Isso porque, quando ela estreou, Prokofiev era visto como um jovem rebelde que parecia divertir-se em demolir a tradição. E a Sinfonia nº 1, em Ré maior, opus 25, era aparentemente tão comportada, tão ligada ao passado que logo recebeu o apelido de "Sinfonia Clássica". Na verdade, o autor nutria um profundo amor pela música escrita durante a segunda metade do século XVIII, época de Haydn e Mozart. Nessa obra, desejou homenagear essa era de ouro, utilizando nela as formas, as articulações temáticas e até mesmo a orquestração desse passado mais do que centenário. Entretanto, não se limitou à mera cópia e sim a um comentário amoroso e humorado do Classicismo.

No *Allegro* inicial, dois temas disputam a atenção do ouvinte em meio a um discurso que, aqui e ali, através de uma dissonância mais ousada, denuncia a modernidade do seu autor. O *Larghetto* que vem em seguida, repleto de achados no tocante às combinações instrumentais, lembra um compassado minueto.



CONCERTO

GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

Assinaturas ligue (011) 535-5518

A curtíssima *Gavotte* é dona de uma invenção melódica que é uma das mais cativantes do compositor. E o *Finale*, que tem a aparência de um rondó-sonata, retoma a deliciosa agitação do *Allegro* inicial, através de uma animada estripulia sonora.

Sergei Prokofiev (1891 - 1953)
Concerto para Violino e Orquestra nº 2, em Sol menor, opus 63

O piano, do qual Prokofiev foi um formidável virtuose, mereceu dele, nos tempos da juventude, obras verdadeiramente revolucionárias. Já o violino, instrumento a que entregou algumas de suas partituras tecnicamente mais exigentes, inspirou a ele obras formalmente moderadas, banhadas em lirismo de raiz romântica. Esse é bem o caso do segundo e último concerto que destinou a esse instrumento, obra sintomaticamente contemporânea do balé *Romeu e Julieta*, possivelmente uma das criações mais declaradamente românticas do artista.

O Concerto para Violino e Orquestra nº 2, em Sol menor, opus 63, estreado em 1935, abre-se com um sonhador *Allegro moderato*. O solista apresenta sozinho o primeiro tema, de caráter meditativo, antes que a orquestra se aposse dele. Depois de passagens virtuosísticas, aparece um segundo tema, uma melodia que cativa a uma primeira audição. Esses dois elementos são desenvolvidos alternadamente durante todo o movimento. Já o *Andante assai* que vem em seguida tem forma bastante simples e é dominado por uma das idéias mais generosamente melódicas saídas da pena do autor. O movimento final, um *Allegro ben marcato*, opõe-se aos dois primeiros graças à sua agitação rítmica, às picantes dissonâncias e ao tom extrovertido, entre rude e dinâmico.

Dmitri Shostakovich (1906 - 1975)
Sinfonia nº 10, em Mi menor, opus 93

Inicialmente liberal no tocante à experimentação artística, o regime soviético acabou por se tornar, sobretudo durante a longa e cruel ditadura de Stalin, uma opressiva camisa-de-força para os criadores. Shostakovich viveu as contingências desse estado de coisas. Só mesmo o seu gênio em explorar as ambigüidades de base da linguagem musical salvou-o da mediocridade então reinante em seu meio. Seu enorme ciclo sinfônico - entre 1926 e 1972 escreveu nada mais nada menos que quinze sinfonias - é um dos mais impressionantes documentos de uma época na qual, pela força, a música foi engajada na política e na reflexão dos problemas sociais. Mas esse monumento não é apenas isso, é mais: configura a trajetória de um artista que, como Mahler, Sibelius e Prokofiev, sentiu a necessidade de expressar a sua mais íntima visão de mundo através do "discurso público" do aparato sinfônico.

A Sinfonia nº 10, em Mi menor, opus 93, de Shostakovich, é considerada por muitos como a mais plenamente realizada de toda a sua produção sinfônica. Escrita nos meses seguintes ao da morte de Stalin, em 1953, é dona de uma forte carga de subjetividade, na medida em que nela o autor desejou expressar, livremente, os sentimentos e as paixões do ser humano - e não mais do utópico e triunfalista herói da sociedade "socialista". Bem característica dessa postura é a presença, em vários pontos da partitura, da "assinatura" sonora do autor - Ré, Mi bemol, Dó, Si, na transliteração musical alemã DSCH. O *Moderato* inicial é predominantemente sombrio, ainda que, às tantas, um tema valsante venha desanuviar temporariamente essa atmosfera. O *Allegro* que vem em seguida é um moto-perpétuo implacável e, para alguns comentaristas, seria um retrato do famigerado ditador. O *Allegretto* que se segue, no qual o motivo DSCH se torna uma idéia fixa, rememora o *Moderato* inicial na sua multiplicidade de climas expressivos. O movimento final, *Andante - Allegro*, mesmo trazendo à tona motivos dos dois andamentos anteriores, é um canto de vitória no qual a assinatura sonora de Shostakovich tem um lugar de destaque.

Alexander Borodin (1833 - 1887)
Danças Polovitsianas, de O Príncipe Igor

Grandemente dotado tanto para a química quanto para a música, Borodin sempre levou carreira dupla de cientista e de compositor. Ele mesmo diria, certa vez: "Para alguns, compor

significa trabalho, empenho, obrigação e representa a sua vida toda. Para mim, ao contrário, é descanso, prazer, um capricho que me distrai de meus deveres oficiais como professor e cientista". Talvez por isso, sua produção musical é numericamente restrita, ainda que extraordinariamente bela e cheia de colorido oriental.

O Príncipe Igor, a única ópera do compositor, foi iniciada em 1869 e ficou inacabada – a versão do espetáculo hoje conhecida deve sua finalização a Rimski-Korsakov e Glazunov. É no segundo ato dessa ópera, quando o príncipe russo encontra-se prisioneiro de um povo tártaro, que as cintilantes Danças Polovitsianas têm lugar. Em cinco episódios contrastantes – alguns fortemente rítmicos, outros contendo melodias singulares –, essas Danças estão entre os mais espetaculares exemplos do exotismo musical russo da escola nacionalista da segunda metade do século XIX.

Nikolai Rimski-Korsakov (1844 – 1908)

O Galo de Ouro – Suíte Orquestral

Estreada postumamente em 1909, a ópera O Galo de Ouro contava com música orquestral suficiente para ser transformada em suíte de concerto. Seguindo indicações deixadas pelo compositor, Glazunov e Steinberg realizaram essa tarefa, em 1913. Aí se encontram algumas das mais brilhantes páginas orquestrais do autor. Dois temas são especialmente importantes – os mostrados tanto no início da ópera quanto da suíte. O primeiro deles é o grito do galo, nos trompetes; o outro, exposto pelos violoncelos, é o tema associado à Rainha.

O primeiro movimento da Suíte (Introdução e Sono do Tzar Dodon) provém do Prelúdio da ópera e da música que evoca o sono do Tzar, no Ato I, cena pontuada pelo grito do galo. O segundo movimento (O Tzar Dodon no Campo de Batalha) foi montado a partir de dois fragmentos do início do Ato II. Também é desse mesmo ato o terceiro movimento da Suíte (A Dança da Rainha Shemakha – A Dança de Dodon), de caráter coreográfico. O movimento final (Cortejo Nupcial – Morte do Tsar Dodon – Finale) foi todo retirado do Ato III, incluindo trechos do Prelúdio e da primeira cena, seguidos da Marcha Nupcial, da música que ilustra a morte do Tzar e dos compassos finais do espetáculo.

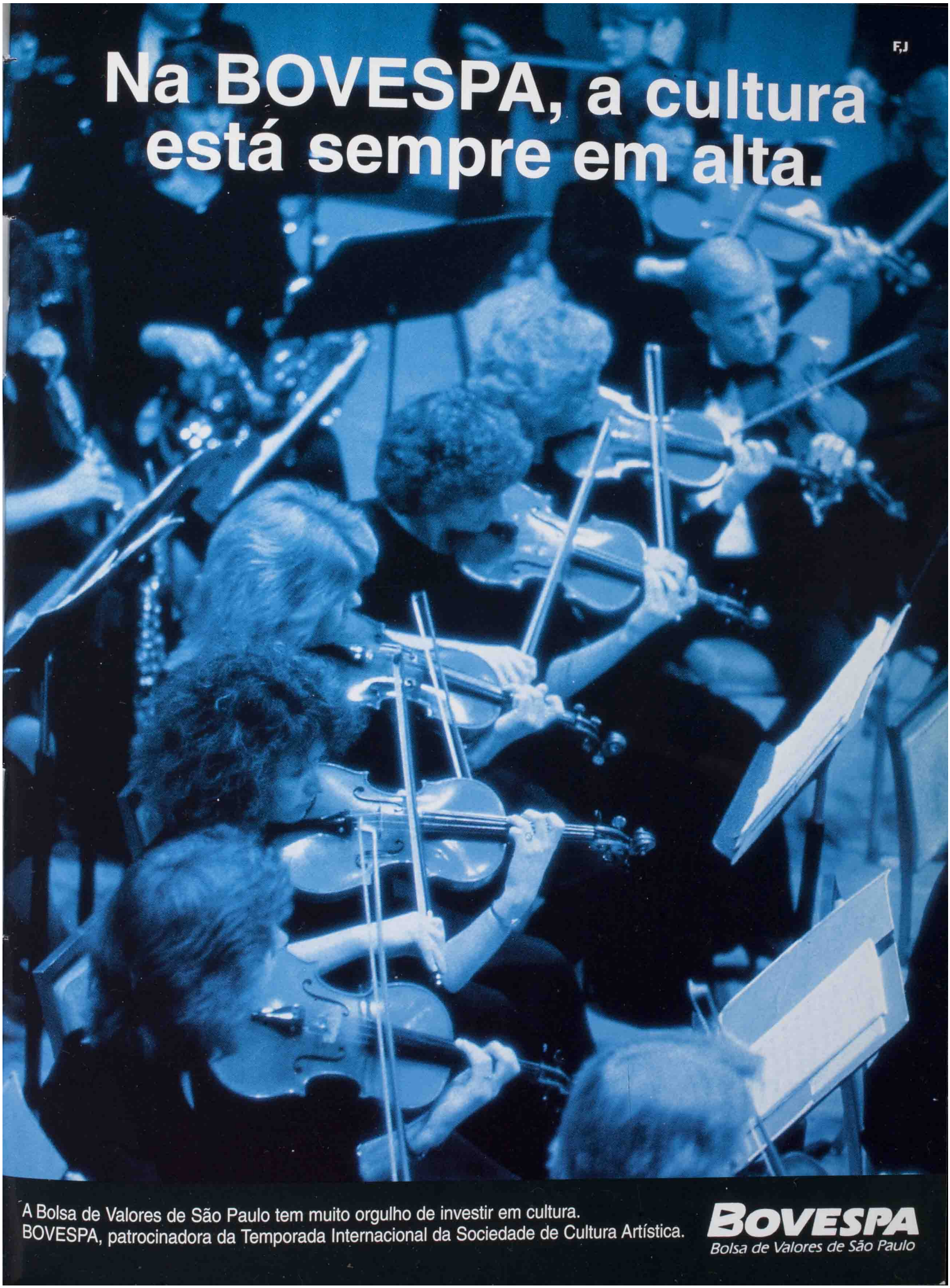
Piotr Ilich Tchaikovsky (1840 – 1893)

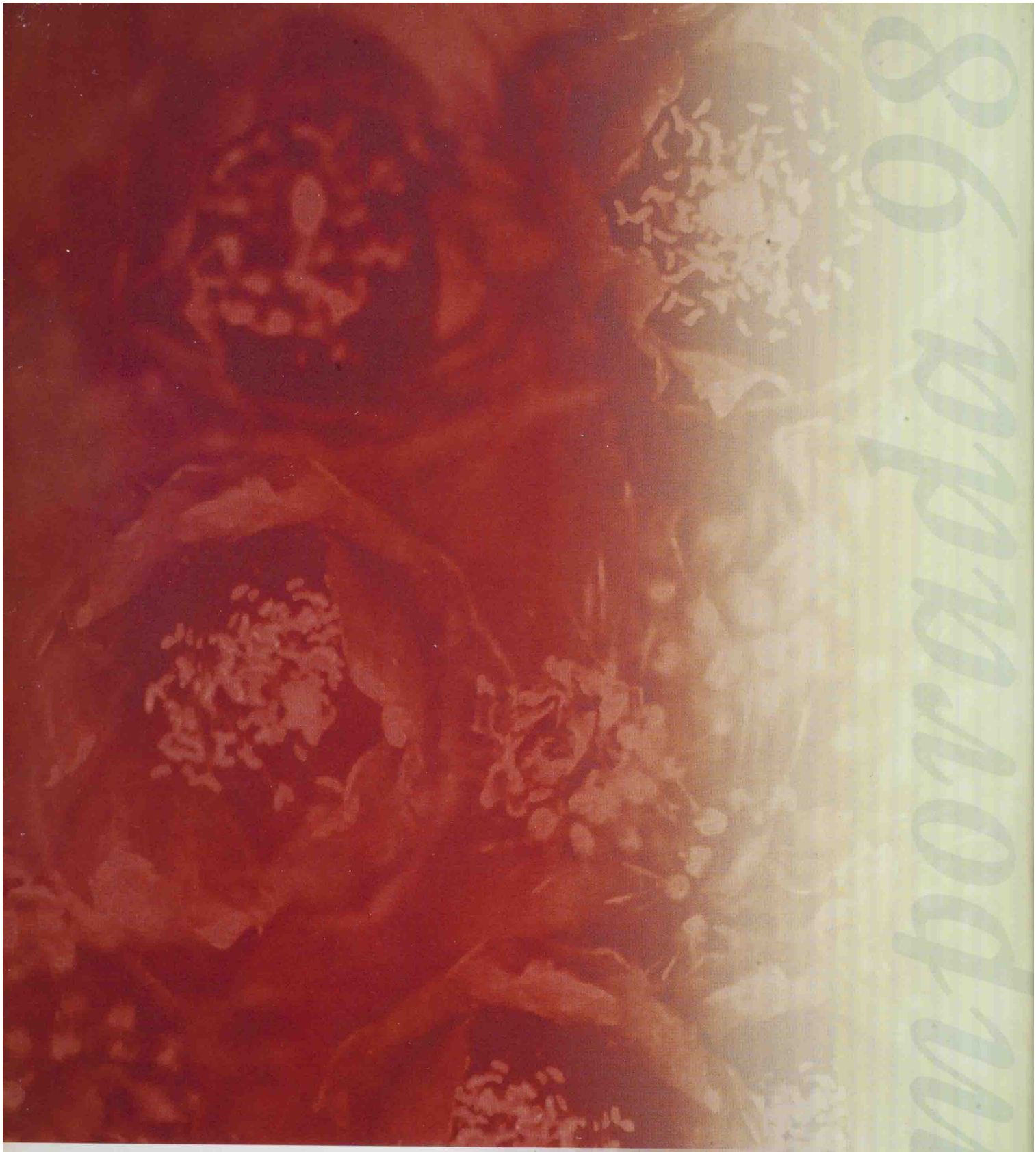
Sinfonia nº 4, em Fá menor, opus 36

Tchaikovsky foi um dos artistas mais atormentados de sua época. Gênio reconhecido internacionalmente, através da ampla difusão de suas principais obras, ele contudo se considerava um indivíduo enormemente infeliz. Tendo um tipo de personalidade que, mais tarde, ganharia a designação de "neurótica", vivia às voltas com problemas íntimos que não conseguia resolver. Entre esses, sabe-se hoje, encontravam-se alguns de ordem sexual, verdadeiros tabus em sua época. Ele chegou a escrever a um amigo: "A vida é terrivelmente vazia, tediosa e de mau gosto". Sua Quarta Sinfonia, esboçada em 1876 e completada em 1878, foi concebida em um período no qual o compositor entregou-se a tentativas frustradas de casamento e suicídio. Em geral excessivamente autocrítico e negativista em relação ao que escrevia, ele entretanto confessou à sua protetora, a milionária Mme. von Meck, a respeito dessa partitura: "É a melhor coisa que fiz até o momento".

A Sinfonia nº 4, em Fá menor, opus 36, inicia-se com um *Andante sostenuto – Moderato con anima* que, logo nos primeiros compassos, exibe um motivo simbólico, o do *fatum*, força fatal que impede que se alcance a verdadeira felicidade, e que marcará toda a Sinfonia. Uma bela melodia valsante, miragem da felicidade, logo submerge em meio ao pessimismo reinante. O segundo movimento, *Andantino in modo di canzona*, mostra uma das mais tocantes (e melancólicas) invenções melódicas do autor, perturbada, às tantas, pela reaparição do tema do *fatum*. O *Scherzo (Pizzicato Ostinato) – Allegro*, de uma escritura requintada e aérea, contrapõe seções das cordas "beliscadas" a outras, rústicas, entregues aos sopros. O *Allegro con fuoco* final, para o autor, simbolizava uma vívida festa popular pois, para ele, era em meio à alegria do povo que o artista infeliz encontrava algum consolo.

Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida
Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica


F.J
Na BOVESPA, a cultura está sempre em alta.
A Bolsa de Valores de São Paulo tem muito orgulho de investir em cultura.
BOVESPA, patrocinadora da Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.
BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA